

REVISTA
Desassossego

REVISTA
Desassossego

**Afetos, Emoções e Paixões na prosa
contemporânea portuguesa**

Bruno Anselmi Matangrano
Joana Souto Guimarães Araújo
Leonardo de Barros Sasaki
(editores-responsáveis)

Caros leitores,

“Afetos”, “emoções” e “paixões” carregam em si uma longa trajetória de debates e narrativas em disputa pelos diferentes campos do conhecimento. Tais vocábulos foram motivos de exaltação, desconfiança, combate e silenciamento em contextos históricos diversos. Amor, ódio, alegria, tristeza, medo, esperança, surpresa, raiva, nojo e demais movimentações da mente e do corpo encontram na literatura formas – ora evidentes, ora oblíquas – de circulação. Nesse sentido, a Revista *Desassossego*, periódico do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, da Universidade de São Paulo, traz a público o dossiê *Afetos, Emoções e Paixões na prosa contemporânea* no qual se discute como os três conceitos foram tratados por diversos intérpretes no contexto da Literatura Portuguesa: como os autores assimilaram ou rejeitaram a afetividade/emotividade em suas reflexões teóricas e em suas práticas de escrita; quais as possíveis especificidades desse discurso e quais os efeitos afetivos/emocionais que ele pode suscitar no leitor; e quais particularidades determinados afetos e emoções sugerem de certas obras e do contexto histórico-literário, dos valores éticos e estéticos com os quais elas se articulam.

O número se abre com o ensaio de **Gabriela Silva** intitulado “A Novíssima literatura portuguesa: novas identidades de escrita”, no qual se dedica às obras de três autores portugueses contemporâneos – Gonçalo M. Tavares, Nuno Camarneiro e Afonso Cruz – verificando como se dá uma nova configuração identitária na medida em que refletem sobre a condição do artista e sua relação com o espaço onde se insere. Em “A personagem plana e a representação do medo como esteios de *A instalação do medo*, de Rui Zink”, **Mauro Dunder** debruça-se sobre o texto de Zink, a partir do olhar da narratologia e dos estudos em torno da categoria das personagens, para explorar seu caráter plano e discutir os efeitos desta técnica no leitor. Em seguida, **Nefatalin Gonçalves Neto** discute as paixões na construção do sujeito saramaguiano em um contexto de decadência, no artigo “Da sujeição ao autoconhecimento: a presença da paixão em *Ensaio sobre a cegueira*”. Por fim, o dossiê se encerra com “Vergonha é não amar, cartas de Ana Luísa Amaral”, de **Rhea Sílvia Willmer**, no qual a autora aprofunda as noções de “heterossexualidade compulsória” e “existência lésbica” no livro *Ara*, única obra em prosa de Ana Luísa Amaral, em perspectiva comparada com outras obras, em especial *As Novas Cartas Portuguesas*, obra profundamente estudada pelo ensaísmo da própria poetisa.

A seção Vária, ainda no campo da prosa contemporânea, traz, primeiramente, o texto de **Ingrid Marinho** e **Andrea Martins**, nomeado “Seguindo os passos de Paula e CLB: a tentativa de transgressão em *Pedro e Paula*, de Helder Macedo e em *A casa dos budas ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro”, que, em diálogo com o texto de Rhea Willmer, também se volta às questões da sexualidade feminina e às tentativas de transgressão dessa sexualidade em dois romances contemporâneos de língua portuguesa.

Seguem-se, então, dois artigos ainda voltados à contemporaneidade, mas, desta vez, concernentes à poesia. Em “Fala, falta, falha: o *Isto* de Manuel António Pina”, **Aline Duque Erthal** utiliza os três elementos propostos no título como eixo de leitura de temas filosóficos – tais como o(s) problema(s) do lugar atual da poesia, do tempo-espço movediço da escrita, dos desencontros entre sujeito, passado e sentido –, nos quais a imagem-conceito do “deserto” adquire importância. O artigo “Casimiro de Brito: o ‘rigor e a claridade enigmática do pensamento’”, de **Claudio Alexandre Barros Teixeira**, verticaliza, de forma original, alguns pontos do trabalho poético, crítico e tradutório do autor responsável, em grande parte, pela divulgação da poesia japonesa em Portugal, sobretudo da forma do *haikai*.

A seção se encerra com dois estudos sobre a prosa policial portuguesa, escrita pelas mãos de dois de seus mais célebres autores: Fernando Pessoa e Eça de Queirós. De autoria de **Felipe Reblin**, o artigo “Elementar, meu caro Pessoa! Narrativa policialesca em terras lusitanas” divide-se em dois momentos: primeiro, propõe um levantamento teórico-crítico da “literatura policial”, como preferia Pessoa; em seguida, Reblin se dedica a estudar a figura do Dr. Quaresma, espécie de Sherlock Holmes pessoano, que protagoniza uma série de novelas do autor. Já o texto “Detetive por acidente: o lugar da lógica e da imaginação em *O mistério da Estrada de Sintra*”, de **Sergio Feitas**, analisa o romance de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, considerado o precursor da tradição policial em Portugal, sob o prisma das teorias investigativas detetivescas oitocentistas.

Em seguida, em entrevista concedida a **Nicole Guim de Oliveira**, a escritora e crítica portuguesa **Ana Luísa Amaral** – cujo romance *Ara* é analisado no artigo de Rhea Willmer, como se viu – discute a questão do gênero na literatura em uma abordagem que considera a maneira como o poético se inscreve no campo social e político, como ela diz, dando ênfase aos modos de recepção da literatura devedores das construções de gênero e da consequente disseminação de desigualdades e preconceitos.

Por fim, na secção de ficção e poesia, o poema combativo de **Felipe Luiz Gomes Figueira**, “O sal e a selva”, discute a si mesmo em aproximação da técnica da fotografia. O texto em prosa de **Leonardo Lima Ribeiro**, “O batuque da procura”, conta a história trágica de Iara, uma menina no sertão do Ceará que, tal como a Iara do mito amazonense, produzia música a partir de seu “corpo encaixado à paisagem”. Do mesmo autor, “Memórias do futuro passado: a história de um horizonte desejado” é um texto em prosa reflexiva que trata, entre outros assuntos, da dor e de suas dimensões políticas através de uma mescla retórica que explora as funções epidíticas, deliberativas e judiciais do discurso.

Com votos de bons estudos e boas leituras,

Os editores,

Bruno Anselmi Matangrano, Joana Souto Araújo e Leonardo de Barros Sasaki.